

RE: Relatos que inspiram



Conhecer e difundir as boas práticas dos Profissionais de Educação Física, Brasil a fora, é o objetivo da seção Relatos que Inspiram. Nessa edição apresentaremos o trabalho desenvolvido nas aulas de Educação Física de duas escolas. Uma no Nordeste e outra no Sul do país. Conheça a seguir projetos que contribuem para o desenvolvimento físico, mental e corporal de crianças e adolescentes.

ESPORTES INTERNACIONAIS SÃO ADAPTADOS E FAZEM SUCESSO NO CEARÁ



Os alunos do Colégio Antares, em Fortaleza (CE), têm, durante as aulas de Educação Física, a oportunidade de conhecer outros países, sem sair da quadra. Isto, graças a um projeto comandado pelo professor Rafael Vasconcelos do Amaral [CREF 008438-G/CE] que vem fazendo sucesso com as turmas do 7º e 8º anos. Por meio de votação, as turmas escolhem um país para conhecer melhor seu principal esporte. Até aí tudo parece comum

– o diferencial vem agora: como nem sempre existe uma estrutura ideal para a prática da modalidade, muitas vezes, atípica no Brasil, os próprios alunos colocam a mão na massa e adaptam regras e materiais para a realidade local.

“Quando se fala em construção de regra, pesquisa do histórico de um país, trata-se do trabalho cognitivo. Sem contar com a habilidade motora, desenvolvida quando eles fazem novos movimentos, com os quais não estão acostumados”

Nesse momento, não se fala mais em esporte – ele passa a ser um jogo. “No jogo, podemos modificar as regras e formas de jogar. Já no esporte, as normas são definidas. Com isso, temos a possibilidade de trabalhar bem o conteúdo, despertando nos alunos a curiosidade pelos esportes que são culturalmente mais praticados em outros países”, explica Rafael Vasconcelos. Em 2017, por exemplo, o escolhido foi o Hóquei, representando o Canadá. “Nós adaptamos tudo, inclusive a trava. No Hóquei, ela é pequena, mas nós utilizamos a de Futsal, que é maior. Até mesmo os tacos foram produzidos pelos próprios alunos”.

Com esse processo de produção dos tacos, os alunos percebem as diferenças entre cada material – se um ficou mais leve, mais alto ou melhor do que o outro. Assim, eles começam a desenvolver uma noção da importância dos detalhes dos aparatos esportivos, como material, conservação, etc. “Nesse momento, eles também puderam desenvolver a parte social/emocional”, que não foi a única habilidade trabalhada. “Quando se fala em construção de regra, pesquisa do histórico de um país, trata-se de um trabalho cognitivo. Sem contar com a habilidade motora, desenvolvida quando eles fazem novos movimentos, com os quais não estão acostumados”.

Com a oportunidade de trabalhar no desenvolvimento do produto final (o jogo), o incentivo aos alunos é ainda maior. “Quando eles, principalmente adolescentes, se percebem construtores do negócio, aquilo passa a fazer mais sentido. O nosso papel como professor é dar um ponto de partida, para que eles mesmos desenvolvam a história. Porque se você chegar com tudo pronto, pode perder o sentido para eles”. Para que a motivação se mantenha, Rafael entende que a Educação Física Escolar não pode ser a mesma durante toda a vida letiva do aluno. “Quando chega ao 7º, 8º, 9º ano, é necessária uma reformulação, senão perde o sentido para eles”.

Por isso, o projeto é exclusivo dos 7º e 8º anos, que contam com quatro turmas – duas no turno da manhã e duas à tarde –, com mais ou menos 30 alunos cada. O professor Rafael ministra Educação Física para todas elas. A iniciativa foi implementada em 2015 e, desde então, foram escolhidos os esportes: Futebol Americano (Estados Unidos), Beisebol (Estados Unidos e Cuba) e agora o Hóquei (Canadá). No entanto, Rafael deixa claro que não se trata de aula de Futebol Americano, de Beisebol ou de Hóquei: “É um jogo com atribuições pedagógicas, adaptado para a disciplina”.

Adaptado não só para a disciplina, mas também para a realidade. “O Hóquei é praticado com patins e no gelo. Aqui fizemos na quadra e sem os patins. Além da trave, que foi utilizada a de Futebol, que é maior”. Essa flexibilidade é prova de que não deve haver limitações que impeçam o trabalho do Profissional de Educação Física. “Podemos trabalhar muitos esportes, apenas adaptando-os para a situação em que estamos inseridos. Diante daquela realidade, você pode viver reclamando ou pode buscar uma solução”, defende, otimista.

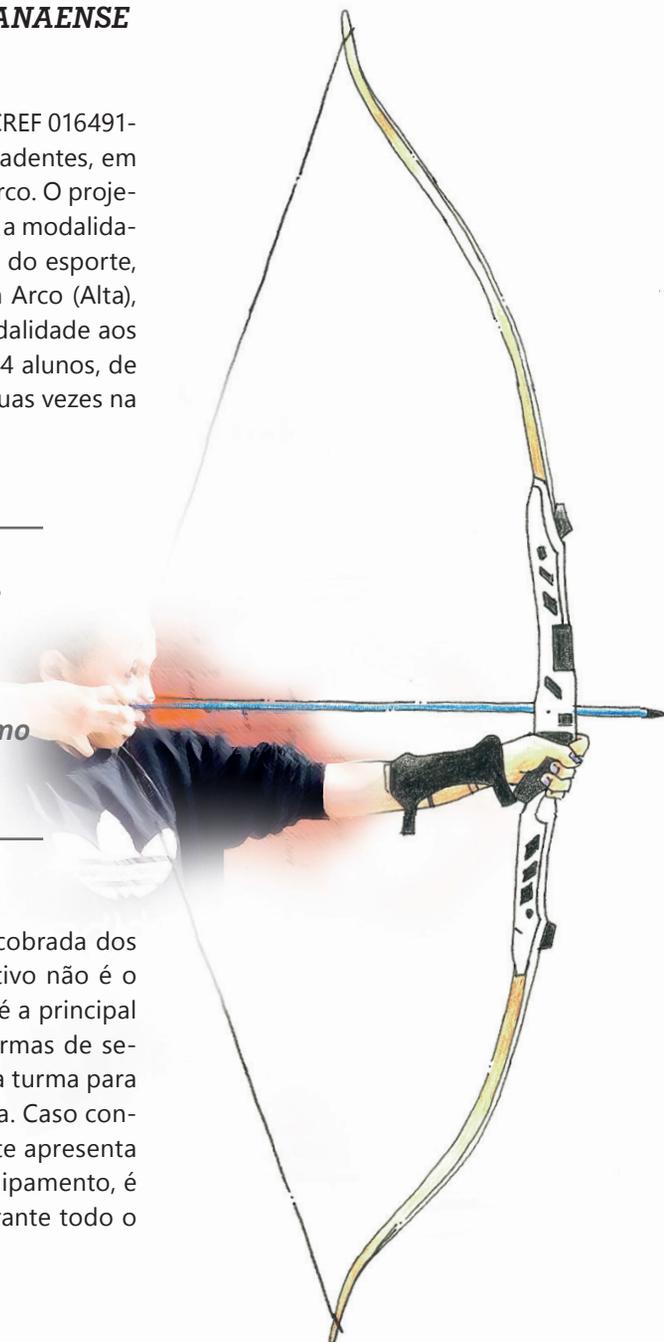


TIRO COM ARCO FAZ SUCESSO EM ESCOLA PARANAENSE

É por acreditar na profissão que Fernando Fernandes Pereira [CREF 016491-G/PR] decidiu apresentar aos seus alunos da Escola Estadual Tiradentes, em Londrina (PR), um esporte, até então, novo para eles: Tiro com Arco. O projeto começou de maneira tímida, apenas apresentando aos alunos a modalidade, durante as aulas de Educação Física. O professor, praticante do esporte, convidou o presidente da Associação Londrinense de Tiro com Arco (Alta), Fernando Alexandre, para visitar suas aulas e demonstrar a modalidade aos estudantes. O sucesso foi tanto, que a iniciativa evoluiu. Hoje, 64 alunos, de onze a dezessete anos, contam com treinos de Tiro com Arco, duas vezes na semana, após o fim do expediente escolar.

“O próprio diretor da escola, Edson Ricardo, foi se aproximando tanto do esporte, que hoje é um dos melhores arqueiros de Londrina, conquistando, inclusive, o primeiro lugar em sua categoria no mesmo campeonato disputado pelos alunos”

Os treinos são gratuitos – ou melhor: quase. Isto porque é cobrada dos alunos boa participação nas outras matérias. Mas esse incentivo não é o único benefício do projeto. Como explica Fernando, disciplina é a principal habilidade desenvolvida. “Eles precisam respeitar todas as normas de segurança. Se um detalhe, que seja, sai do padrão, eu volto com a turma para a sala e retomamos todas as regras. Eu preciso confiar na turma. Caso contrário, não saio da sala de aula”. Ele age assim porque o esporte apresenta riscos e, mesmo com todos os protetores que compõem o equipamento, é preciso que os alunos colaborem, não só nos treinos, mas durante todo o expediente escolar.





O reflexo do trabalho na Educação Física integrado às outras disciplinas tem sido positivo. Nos últimos anos, houve melhora no desempenho geral dos alunos, avaliado pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica do Paraná (SAEP), que analisa o índice de proficiência dos alunos em Língua Portuguesa e em Matemática. Em 2012, a Escola Tiradentes obteve, em Português e Matemática, 218,3 e 232,4 pontos, respectivamente, estando abaixo da média estadual, nos dois casos, que foi de 241,4 e 248,9. Em 2017, a Tiradentes alcançou 270,6 e 270,3 pontos, que a colocou à frente da média estadual, de 250,4 e 257,6.

Os resultados demonstram que as aulas contribuem não apenas fisicamente, mas também auxiliam na concentração e disciplina dos alunos. “O arqueiro atira no limite da sua força”. O Tiro com Arco também pode desenvolver maior autoconhecimento nos participantes: “Uma aluna começou atirando com o braço direito, quando percebeu que executava o movimento melhor com o membro esquerdo. Ou seja, ela se descobriu ambidestra, graças ao esporte”.

Ela utilizou suas habilidades com o braço esquerdo para trazer uma das três medalhas que o time conquistou no 3º Campeonato Indoor Multisite CBTArcos de Londrina (PR). A vitória é resultado de todo o envolvimento que a comunidade escolar passou a ter com a atividade. “O próprio diretor da escola, Edson Ricardo, foi se aproximando tanto do esporte, que hoje é um dos melhores arqueiros de Londrina, conquistando, inclusive, o primeiro lugar em sua categoria no mesmo campeonato disputado pelos alunos”.

O diretor Edson tem uma relação boa com o esporte e quer que os alunos da escola Tiradentes tenham também. Por isso, eles contam com Educação Física triplicada: além das aulas convencionais de Educação Física e dos treinos extracurriculares de Tiro com Arco, a escola tem em sua grade a disciplina Aprofundamento Esportivo, que vale nota como todas as outras. Ela também é

ministrada pelo professor Fernando, três vezes na semana, durante 50 minutos. É um momento para explorar as diversas modalidades esportivas: “Neste ano, estou trabalhando os esportes oriundos das artes marciais. Cada semestre, um diferente”.

Assim, os alunos que talvez não tivessem oportunidade passam a ter acesso a atividade física orientada e segura. Graças ao incentivo escolar, os alunos passam boa parte dos seus dias desenvolvendo habilidades físicas e motoras, oxigenando seus cérebros e recebendo todos os benefícios que o esporte tem a oferecer. Além de vivenciarem outras experiências, como a visita da atleta paralímpica Fabiola Dergovics à escola, durante as aulas de Educação Física, quando a esportista praticou o esporte com os alunos.

O expediente escolar é integral. Por isso mesmo, a criança ou o adolescente não tem tanto tempo ocioso para se dedicar a atividades com menor solicitação psicomotora, predispondo à inatividade. Os pais, por sua vez, têm tranquilidade para trabalhar todos os dias, com a certeza de que seus filhos estão seguros, sob orientação física e disciplinar de um professor que acredita no que faz e faz por amor.

ENVIE A SUA EXPERIÊNCIA

Nós queremos conhecer a sua experiência, seja ela na escola, academia, hospital, clube ou qualquer outro segmento. Envie o seu relato para o e-mail revistaef@confef.org.br e teremos o maior prazer em compartilhá-lo com os demais profissionais.
